



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil
na I GM**

ANO 2017

Junho

Nº 222

DOCTRINA MILITAR

**Adriana Iop Bellintani
Doutorado em História – UnB
Estevão Chaves de Rezende Martins**

Doutrina - Guerra - Instrução

Em 1919, durante o governo do presidente Epitácio Pessoa (1865-1942), passou-se a discutir a necessidade de um Exército melhor preparado e também melhor equipado, visto que as necessidades materiais e de instrução eram grandes. O Exército brasileiro havia enviado alguns oficiais para Alemanha nos anos de 1906, 1908 e 1910, mas eram grupos restritos e não chegou a ser de grande significado para a modernização e ampliação da Força. Essas iniciativas foram pouco eficientes face às necessidades do Exército. Começou-se então a discussão sobre a vinda de uma missão estrangeira para o Brasil. O principal argumento em favor da vinda de uma missão, ponto pacífico entre militares e civis, era a carência de recursos e a incompetência administrativa do Exército, conforme afirma Bastos:

sem armamento, sem munição, sem chefes, sem ordem, sem disciplina, sem um serviço sanitário (...) a incapacidade absoluta e completa do alto comando e da alta administração do Exército, que nos últimos vinte e oito anos acumulou erros sobre erros.¹

Em março de 1920, o Brasil contratou uma missão francesa de instrução, visto que a França foi o país vencedor da Primeira Guerra Mundial. Entre as medidas iniciais dos franceses, estava o estabelecimento das escolas de instrução, encarregadas dos cursos de Estado-Maior, aperfeiçoamento, veterinária, aviação e intendência; assim como a reorganização militar para o aperfeiçoamento dos militares, no desenvolvimento de questões teóricas e práticas em caso de guerra.

¹ BASTOS FILHO, Jayme Araújo. *A Missão Militar Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1994.p.29.

No campo material foi realizado um reaparelhamento do Exército. Conforme Bastos Filho, a Primeira Guerra Mundial trouxe a necessidade de:

Um aperfeiçoamento notável no material de artilharia. Uma transformação radical no armamento de infantaria. Um desenvolvimento considerável nos processos de ligação. A necessidade de dotações de munições até então insuspeitadas. Adoção de meios novos, como os carros de assalto. A importância primordial tomada pela Aviação. (...) Aviões de caça. Aviões de bombardeio. Aviões de reconhecimento e de observação. (...) O armamento e aparelhagem mencionados devem basear-se nas necessidades da instrução, em tempo de paz, e no aprestamento, em tempo de guerra, de forças que assegurem, ao Exército Brasileiro, uma superioridade interna apreciável.²

Dentre esses dois aspectos, o material e o de instrução, há muito a ser aprofundado. Não obstante, a proposta de trabalho centra-se na questão teórica que envolveu o aprendizado dos militares brasileiros, primordialmente no que se refere à reformulação da doutrina militar. Para desenvolver o assunto, analisaremos *a priori* o que a ESG (Escola Superior de Guerra) fundada pela lei número 785/49, numa visão mais atual, considera ser uma doutrina militar e como se constrói esta doutrina.

A finalidade maior de uma doutrina militar é a orientação para a organização da força e, concomitantemente, para o preparo e o emprego das forças armadas. Com a existência de três forças armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), torna-se necessária uma doutrina militar em que todas as forças possam agir conjuntamente em caso de guerra, assim como cada uma tenha sua doutrina estabelecida. Um dos legados da missão francesa foi justamente mostrar essa necessidade de somar esforços entre as forças armadas, segundo análise de Fragoso:

Para compreender doutrinar militar é preciso defini-la e segundo o Cel Nemo do Exército Francês: “Doutrina militar condensa um conjunto de princípios, processos e corporifica uma técnica aplicada às forças armadas, para fazer face às guerras futuras – deduzidas, logicamente, da avaliação da estrutura social, da mentalidade do povo, do moral racional, dos recursos demográficos, econômicos, industriais e materiais e da situação em armamento do País amigo, bem como, desses mesmos fatores em relação ao (s) provável (eis) inimigo (s), doutrina essa, cuja obediência, admite-se, pode assegurar o sucesso na guerra.”³

Os fatores acima mencionados por Fragoso demonstram que o Exército, antes de desenvolver qualquer princípio, elabora um estudo aprofundado das capacidades e do pensamento nacional. Avaliar a estrutura social, por exemplo, implica muitos fatores que se desdobram durante sua análise, como, entre outros, renda per capita, divisão de renda, divisão de classes. Para se chegar à mentalidade do povo, elaborar um discurso convincente e ser aceito pela maioria, é necessário conhecer as carências, exigências e expectativas dos indivíduos, além de todo um conhecimento geoeconômico como potencial hidrográfico, vegetação, termoeletricas, transportes, recursos industriais, e outros. A história da política internacional é um dos maiores aliados para o desenvolvimento da doutrina, pois são as questões de atrito com os prováveis inimigos continentais ou extra-continentais que fornecem a hipótese de guerra, sustentáculo da doutrina militar. Conforme Lindolfo Ferraz, a doutrina militar é:

² BASTOS FILHO, J. A.. op. cit. nota 01. p.152-153.

³ FRAGOSO, A. **Doutrina Militar Brasileira**: Bases para sua Formulação. Rio de Janeiro: ESG, 1959. p. 4.

Um conjunto de elementos básicos, de princípios militares de guerra adequados, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades do Poder Militar da Nação, para realizar as ações estratégicas e táticas, a fim de fazer face às hipóteses de Guerra admitidas.⁴

As hipóteses de guerra são formuladas com base nas relações de amizade ou inimizade do país, e segundo questões anteriores ou vigentes no presente. No caso brasileiro, a Argentina representava o maior perigo à Nação e foi utilizada como hipótese de guerra na elaboração da doutrina militar. Essas definições sobre doutrina militar foram elaboradas por militares, e estão diretamente fundamentadas nos ensinamentos do general francês Gamelin que, em sua primeira conferência realizada no Clube Militar no Rio de Janeiro, em 1919, afirmou:

A doutrina não é absolutamente perdurável, imutável, ela evolui também, mas muito lentamente; seu primeiro passo é um método de raciocínio; uma concepção de guerra: luta entre duas vontades; um método de raciocínio: que encare as questões de guerra sempre sob o mesmo ponto de vista: missão, inimigo, terreno e meios. Um princípio de economia de forças: empregar o que for necessário, tudo o que for necessário, nada mais do que o necessário e quando necessário.⁵

A doutrina então é concebida como algo mutável e sujeita às influências de fatores externos como economia, política interna, política externa (ONU, OEA), psicossocial, vegeação, cultura, avanços científicos, concepção militar de guerra, finalidade das forças armadas, entre outros. O método para se chegar a uma doutrina militar, exposto por Gamelin, consiste em raciocínio, comando, ensino (instrução) e execução. Ela está diretamente relacionada a uma hipótese de guerra, ou seja, a um estudo avaliativo a cerca do pretense inimigo da nação, de acordo com sua posição geográfica, historicidade e condução das relações internacionais. Desta maneira, constitui-se a doutrina diretamente ligada à segurança nacional.

Para que o método atinja êxito, é preciso ser posto em prática, saindo do campo teórico e entrando nos campos de manobra. Assim a doutrina militar está também diretamente relacionada à doutrina de guerra. Castelo Branco assim a conceituou: *é obra do pensamento que visa a ação adequada a uma realidade que se prevê com meios possíveis e mediante possibilidades admissíveis.*⁶

Nessa perspectiva, a doutrina militar possui três fases de constituição: a formulação das bases fundamentais; a corporificação, composta pelas regras e normas empregadas nas forças armadas, como princípios teóricos, tradição histórica militar, documentação e literatura; aplicação, ou fase final, o momento em que ela sai do campo teórico e é testada na prática. Como acrescenta Fragoso: *Desse processo surgem as diretrizes, as instruções e as normas gerais, os manuais de campanha, técnicos e de instrução, os regulamentos, programas-padrão, etc, consolidando aspectos relacionados com a aplicação prática, o adestramento e o emprego.*⁷

Na documentação da ESG, fica claro que, para se chegar a uma determinada doutrina militar, é preciso *a priori* o subsídio de uma doutrina alienígena, ou seja, estrangeira, e posteriormente um estudo sobre todos os condicionantes nacionais, já anunciados. A formulação da doutrina militar brasileira possui forte legado do pensamento de Napoleão Bonaparte (1769-1821) e Ferdinand Foch (1851-1929), agentes que fornecem os pressupostos teóricos.

⁴ FERRAZ FILHO, Lindolpho. **Bases Fundamentais da Doutrina Militar**. Rio de Janeiro:ESG, 1965. p.25.

⁵ MIRANDA, Antonio Duarte. **Doutrina Militar Brasileira**. Rio de Janeiro:ESG, 1969. p. 15-16.

⁶ FERRAZ FILHO, L. op. cit. nota 04. p. 3.

⁷ FRAGOSO, A. op. cit. nota 03. p.15.

A doutrina militar compreende uma concepção de guerra contra um ou mais inimigos, que pode ser qualquer outra nação do mundo; uma concepção geral de operações, o que envolve princípios e todas as operações em hipótese de guerra; uma organização de comando; um adestramento militar; o ensino das forças armadas e a mobilização militar. Em síntese, a doutrina militar compreende conduta, organização, ação e encargos.

Segundo Ferraz Filho a *doutrina militar é deduzida da doutrina de guerra que, por sua vez, deriva da doutrina de segurança nacional*.⁸ Sua finalidade é oferecer bases ao emprego das forças armadas de maneira eficiente para o emprego prático na guerra, mantendo disciplina intelectual e oferecendo ampla compreensão das operações militares na consciência militar. Desta maneira, podemos concluir que a doutrina de segurança nacional, a doutrina de guerra, a doutrina militar e as doutrinas específicas de cada força são sempre condicionadas pela hipótese de guerra, pelo pretense inimigo.

O legado de Napoleão à doutrina militar brasileira

Napoleão Bonaparte é um *expert* na exploração dos efeitos psicológicos dos seus comandados para melhor conduzir a guerra; possui grande poder de oratória e sabe comover e estimular seus soldados, valorizando sobremaneira os aspectos psicológicos de sua tropa e do inimigo. Para obter melhor proveito desses aspectos morais, ele desenvolve alguns princípios que considera essenciais para a formação militar do chefe e bom desempenho de suas funções em guerra. São eles:

- conhecer sua profissão;
- conhecer seus homens e interessar-se por eles;
- dar exemplo;
- verificar o cumprimento de suas obras;
- decidir com acerto e oportunidade;
- empregar a tropa de acordo com suas possibilidades.⁹

Toda a ação bélica napoleônica enfatiza o conhecimento do inimigo e o estudo aprofundado de suas condições, seu potencial armado e humano, assim como a consideração às disposições. Conhecedor de Maquiavel, Napoleão, assim como ele, valoriza o cálculo: “em uma guerra tudo se obtém pelo cálculo”.¹⁰ Ele surpreende em seus ataques.

No teatro de operações, Bonaparte não costuma dividir o Exército: ele economiza todos os esforços sobre um ponto e, de surpresa, ataca e persegue o inimigo. A essência da guerra, ou o método napoleônico de guerra é o da concentração de esforços. Como bem remarca Colin: “(...) o princípio mais seguido invocado (...) que parece ser a essência mesma de seu método de guerra, é o princípio da concentração de força”.¹¹

Os princípios de Napoleão e seus feitos de guerra vem sendo estudados e pesquisados por militares e civis, para um melhor entendimento de suas inúmeras vitórias no desenrolar das batalhas. Napoleão calcula matematicamente seus riscos e possibilidades, antes de investir contra o inimigo. Ao definir a ciência militar, propõe:

*“A ciência militar consiste em bem calcular todas as chances antes, e em seguida fazer exatamente, quase matematicamente, a parte do acaso”.*¹²

⁸ FERRAZ FILHO, L. op. cit. nota.04. p.25.

⁹ CORREIA NETO, Jonas. Influência Napoleônica no exército brasileiro. *Revista Militar Brasileira*, Rio de Janeiro, ano LVI, v. XCV, p. 79-80, jul./set. 1970.

¹⁰ LUCIAN, Regenbogen. *Máximas y sentencias del emperador: Napoleão Bonaparte*. Barcelona: Edhasa, 2001. p.43.

¹¹ COLIN. *L'éducation militaire de Napoléon*. Paris: Flammarion, 1911. p. 354.

¹² ARCHIVES DE LA MARINE. *Vues politique: Napoleão Bonaparte*. Paris: Fayart, 1939. p. 298.

Seus feitos militares são exemplo e sinônimo de como vencer um conflito, razão pela qual ele entra para a história como mito da arte da guerra francesa.

Suas palavras de ordem aos soldados são sempre de coragem, apoio e determinação. Na visão de Bonaparte, as primeiras virtudes do soldado são a constância e a disciplina; o sentimento que reconhece é a virtude. As combinações militares feitas nos campos de batalha e o incentivo moral dado ao soldado por Napoleão conseguem, muitas vezes, anular a superioridade numérica dos adversários, pois é a força moral quem decide uma batalha. Napoleão afirma que: “a força moral mais que o número decide a vitória”.¹³ Ao findar a batalha de 20 de outubro de 1805, na Baviera, contra o exército da Áustria, Bonaparte assim se dirige à sua tropa:

Soldados! Eu vos anunciara uma grande batalha; mas graças às más condições do inimigo pude obter os mesmos resultados sem correr nenhum risco; e isso, que é sem exemplo na história das nações, tal resultado, não nos custou nem 1500 homens fora de combate.

Soldados! Este sucesso é devido à vossa confiança sem limite em vosso imperador, à vossa paciência em sofrer fadigas e privações de toda espécie, à vossa rara intrepidez.¹⁴

O mais importante dentro da organização da força é a disciplina e a honestidade dos militares encarregados dos cargos administrativos. Possuindo internamente uma boa estrutura, o exército passa a adestrar os homens sobre as questões concernentes à guerra. Para que o exército esteja apto às conquistas, precisa, na concepção de Bonaparte, de:

*“Um bom general, de bons quadros, uma boa organização, uma boa instrução, uma boa e severa disciplina fonte de boas tropas, independente da causa pela qual ela se bata”.*¹⁵

Esta é uma das máximas de Napoleão perpetuadas entre os militares franceses, sendo incorporada como doutrina militar pelo Estado Maior francês.

Os princípios e ensinamentos bonaparteanos são de grande relevância para o presente estudo, em virtude de seu legado haver sido perpetuado, no decorrer dos anos, pelos militares franceses, passando a incorporar sua doutrina. Instrução militar, bons mapas, conhecimento do inimigo, intelecto e discernimento e, acima de tudo, disciplina são princípios de Napoleão. Da mesma forma, preceitos como a calma, a firmeza e a ousadia são considerados atributos primordiais em um comandante, que, com disciplina e autoridade, conduz seus soldados à vitória, nos campos de batalha.

O legado do Ferdinand Foch à doutrina militar brasileira

Foch comandou forças da Tríplice Entente e foi chefe do Estado Maior do Exército francês. Ele considera a guerra como metódica e dotada de princípios; ao mesmo tempo a reconhece enquanto arte e ciência. A guerra moderna, segundo ele, é a nacional, envolvendo toda a nação no conflito. O método de guerra é representado pela estratégia e pela tática. Trata-se de uma ciência, cujo método consiste na experimentação dos resultados de pesquisa nos campos de batalha, onde cada combate pode ser decisivo e levar à vitória.

Foch ressalta o aspecto instrutivo da guerra, representado pela aplicação prática dos ensinamentos da academia. E transcende a essas normas e regulamentos pré-concebidos nos tempos de paz, nos quais se conjugam teoria e potencial de execução, discernimento e

¹³ ib., id. p. 285.

¹⁴ LACROIX, Désiré. **História de Napoleão**. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. p. 340.

¹⁵ ARCHIVES DE LA MARINE, op. cit. nota 12, p. 282.

percepção do comandante chefe da operação. Para Foch, a guerra é sempre ofensiva; só vence o inimigo o exército que tem atitude.

Os valores morais são considerados por ele como fator preponderante ao bom desempenho da tropa, tese aludida e defendida por Napoleão Bonaparte ao longo de seu comando. Foch compartilha dessa mesma idéia e afirma que o comandante é a figura chave e central em uma batalha; por meio de seus atos e palavras, deve adotar uma postura de firmeza, coragem e determinação, necessárias à superação de qualquer dificuldade e ao arrebatamento da vitória, mesmo que essas dificuldades sejam inferioridade armada ou de efetivo.

O objetivo de todo estado, quando em conflito, é a vitória. Mas impor sua vontade sobre a do inimigo implica muitos fatores como estratégia, tática, armamento, efetivo e adestramento da tropa. Tais elementos, aliados à ambição e à competência do comandante em incentivar moralmente seus homens, conduzem ao êxito militar. A história da guerra é utilizada por ele como um manual que prepara o indivíduo, em tempos de paz, para uma nova guerra, pois é por intermédio da história da guerra que se aprendem os princípios da arte da guerra. Eis o que representa, para Foch, a teoria da guerra:

A teoria da arte da guerra não tem a pretensão de formar Napoleões, mas ela procura conhecer as propriedades da tropa e do terreno. Ela assinala os modelos, os chefes – a obra realizada no domínio da guerra, e ela aplana as vias da natureza concedida as capacidades militares.¹⁶

A teoria da guerra é para Foch precursora na formulação dos princípios de guerra, os quais todos os militares devem não apenas conhecer, mas colocar em prática. Entre esses princípios, destacam-se: a liberdade de ação, a economia das forças, a livre disposição das forças, a segurança, entre outros. O princípio de economia de forças é a arte de não despender forças e não dispersar esforços, ou seja, de saber utilizar com inteligência os recursos existentes, de maneira proveitosa, mantendo sempre uma reserva disponível, de acordo com o tempo, o espaço e os meios.

A liberdade de ação é a abertura e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que todo chefe tem para determinar o momento exato de avanço ou recuo. A livre disposição de forças refere-se à tática a ser empregada durante o confronto; a segurança significa a ação inteligente, com vistas à perda do menor contingente possível. Estes princípios, na visão de Foch, devem reger as decisões do comandante que precisa, além de conhecê-los teoricamente, saber aplicá-los.

*“Conhecer os princípios, se não sabe aplicá-los, não conduz a nada. Na guerra, o fato está sobre a idéia, a ação sobre a palavra e a execução sobre a teoria”.*¹⁷

O importante, para Foch, é saber aplicar esses princípios de maneira racional, pois a guerra é considerada por ele como uma ciência; por isso, os princípios estratégicos são fundamentais. Assim, a partir de seu estudo, chega-se a um método de emprego das forças por meio da estratégia e da tática. Toda operação tem metas e objetivos, e, de acordo com esse propósito, emprega os meios a seu dispor. Não cabe aqui examinar ou precisar os conceitos de tática e estratégia, tal como são concebidos por Foch, mas, sim, tentar compreender que os estudos de estratégia e de tática são responsáveis pela geração de doutrinas de guerras posteriores.

A pretensa guerra que estaria por vir, é, nesse momento, chamada de guerra moderna. A guerra moderna¹⁸, para Foch, preconiza a destruição do inimigo e a utilização de métodos

¹⁶ FOCH, Ferdinand. *Des Princes de la Guerre*. Paris: Berger-Levrault, 1906. p. 7-8.

¹⁷ Id., ib. p. 9.

racionais que combinam estratégia e tática. É também conhecida como a *guerra total*, envolvendo o esforço de toda nação para gerir e manter o fomento de guerra. Para um melhor desempenho, é necessário a isso se somar o maior conhecimento possível da história militar e, principalmente, dos feitos dos grandes gênios da guerra.

Foch defende a idéia de que todo exército deve acatar e respeitar a autoridade dos generais, dos chefes, pois eles possuem a árdua responsabilidade de responder por todas as ações da instituição. Finalizando esta explanação a respeito das idéias de Foch, destaca-se a sua preocupação com o aspecto disciplinar a ser imposto a todo exército em tempos de paz ou de guerra: em sua concepção, são a disciplina e a obediência ampla e irrestrita que mantêm a ordem, permitindo o respeito e o reconhecimento hierárquico. Sem a disciplina, não existe hierarquia, nem obediência, o que, conseqüentemente, decreta o fim das ordens militares.

Conclusão

A doutrina de guerra e militar é desenvolvida a partir da realidade e da história nacional, fornecendo a estratégia, a tática, os teatros de operações e toda a conduta da força militar em tempos de paz que deve ser empregada em tempos de guerra.

A Doutrina militar brasileira tem suas bases teóricas de formulação baseadas na doutrina militar francesa, principalmente alicerçadas no pensamento de Napoleão Bonaparte e Ferdinando Foch, que penetram nosso meio militar através da contratação da Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro. Entre os principais ensinamentos estão: princípios de economia de força, moral do soldado, obediência, honestidade, servidão, hierarquia, valorização do chefe e guerra moderna.

A guerra tem suas origens e seu fim, tem sua natureza e metodologia. É, de acordo com essa natureza, que os militares se servem dos meios apropriados para executar os combates. O militar precisa conhecer e estar ciente desses fatores para atingir os resultados almejados. A arte da guerra consiste em ter mais força que o inimigo. Com esse intuito, devem ser destruídos seus centros de apoio. A vitória, na guerra moderna, depende primordialmente da tática, da ordem e da evolução dos combates. Não é necessário apenas ter armas superiores às do inimigo, mas também sua moral. A batalha nada mais é do que a luta entre duas vontades, e a guerra é, em si, um departamento de força moral.

Referência Bibliográfica

- ARCHIVES DE LA MARINE. Vues politique: Napoleão Bonaparte. Paris: Fayart, 1939.
- BASTOS FILHO, Jayme Araújo. A Missão Militar Francesa no Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1994.
- COLIN. L'éducation militaire de Napoleón. Paris: Flammarion, 1911.
- CORREIA NETO, Jonas. Influência Napoleônica no exército brasileiro. Revista Militar Brasileira, Rio de Janeiro, ano LVI, v. XCV, p. 79-80, jul./set. 1970.
- FERRAZ FILHO, Lindolpho. Bases Fundamentais da Doutrina Militar. Rio de Janeiro:ESG, 1965.
- FOCH, Ferdinand. Des Príncipes de la Guerre. Paris: Berger-Levrault, 1906
- FRAGOSO, A. Doutrina Militar Brasileira: Bases para sua Formulação. Rio de Janeiro: ESG, 1959.
- LACROIX, Désiré. História de Napoleão. Rio de Janeiro: Garnier, 1904.

¹⁸ A guerra moderna analisada por Foch é a guerra vindoura, a que ainda não ocorreu, mas que tem grande probabilidade de ser real. O exército em tempos de paz é preparado, de acordo com a hipótese de guerra, para um novo conflito. Os trabalhos de Foch, acima mencionados, foram elaborados antes da Primeira Guerra Mundial, em 1904 e 1906. Em tese, o primeiro conflito mundial teria sido a guerra moderna, aludida por Foch.

LUCIAN, Regenbogen. Máximas y sentencias del emperador: Napoleão Bonaparte. Barcelona: Edhasa, 2001.

MIRANDA, Antonio Duarte. Doutrina Militar Brasileira. Rio de Janeiro: ESG, 1969.



VOCÊ SABIA ?

O vocábulo “gaúcho” possui diversas versões no que se refere à sua origem. ‘Gauche’, ou ‘Gáucho’, são duas das mais defendidas. Outra, bem consistente, é a seguinte: os índios do sul da América do Sul designavam por “guahú” o “canto triste” de si próprios e dos brancos. O vocábulo “che” significa “gente” ou pessoa. Unindo-se os dois tem-se “guahú-che”. Daí, guaúche – gaúche – gaúcho. Ou seja, “aquele que canta triste”.

Esta é somente mais uma contribuição ao debate, versão retirada da obra Terra Farroupilha – Formação do Rio Grande do Sul, volume comemorativo ao Segundo Centenário da Fundação do RS (1737-1937) – Parte Histórica, de autoria de Aurélio Porto. Obra sem ficha catalográfica, mas publicada pelo governo do RS.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis

AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Visite os nossos sites:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

E o site do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS:

www.nee.cms.eb.mil.br

